

# A REPRESENTAÇÃO DO CORPO LÉSBICO OU BISSEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA

## *THE REPRESENTATION OF THE LESBIAN OR BISEXUAL BODY IN BRAZILIAN LITERATURE*

Marta Maria Bastos<sup>1</sup> (UFU)

**Resumo:** Este artigo tem a pretensão de uma amostragem da representação dos corpos lésbicos e bissexuais na literatura brasileira, a partir de suas primeiras representações, pelo então escritor Aluísio Azevedo, e, posteriormente, algumas escritoras, que, ousadamente, o incorporaram à literatura ficcional que produziram. São elas: Cassandra Rios e Adelaide Carraro, pioneiras nesta modalidade. Várias outras escritoras também figuram neste cenário, como Edla Van Steen e Fernanda Young, criando ficcionalmente personagens lésbicas e bissexuais, a fim de ilustrar esses corpos. Neste ensaio, a menção aos autores acima citados não seguirá uma ordem cronológica, isso pela necessidade de apresentar aos leitores o que é homossexualidade e heteronormatividade. Na atualidade, a mulher vive ainda presa do modelo patriarcal aqui representado, mas, aos poucos vai tomando consciência de sua condição e luta em busca de liberdade. Para tanto, os aportes teóricos encontram sustentação em Camargo (2013), Cavalcante (2007), Butler (2013), Bayley, (2004), Deleuze; Guattari (1995), Colatino (2012), entre outros.

**Palavras-chave:** Corpos lésbicos. Bissexuais. Homossexualidade. Bissexualidade.

**Abstract:** *This paper is alleged to be a sampling of the representation of lesbian and bisexual bodies in Brazilian literature, from their first representations, by the then writer Aluísio Azevedo, and later some writers, boldly, incorporated it into the fictional literature they produced. They are Cassandra Rios and Adelaide Carraro, pioneers in this sport. Several other writers also appear in this scenario, such as Edla Van Steen and Fernanda Young, fictionally creating lesbian and bisexual characters in order to illustrate these bodies. In this essay, the mention of the authors mentioned above will not follow a chronological order, due to the need to present to readers what homosexuality and heteronormativity is. Nowadays, the woman lives still trapped in the patriarchal model represented here, but gradually became aware of her condition and struggles in search of freedom. To this do so, theoretical contributions are supported by Camargo (2013), Cavalcante (2007), Butler (2013), Bayley, (2004), Deleuze; Guattari (1995), Colatino (2012), among others.*

**Keywords:** *Lesbian bodies. Bisexual. Homosexuality. Bissexuality.*

Para uma mulher, ações como gostar do próprio corpo, valorizar cada traço dele, admirar-se no espelho, sentir-se bela, dedicar horas em companhia das amigas, jantar juntas, ver um filme no cinema, conversar sobre casa, marido, gravidez, filhos e o livre exercício da

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG) – Catalão. Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: martamariabastos@yahoo.com.br

sexualidade, entre outros assuntos corriqueiros, são ações que deveriam ser comuns a uma infinidade de indivíduos pertencentes ao universo feminino. A literatura, por meio da ficção, pode representar com perfeição as mulheres, que, embora não pareça, vivem na realidade situações de opressão pela dominação à qual são submetidas diariamente.

Este artigo intenta mostrar os corpos femininos que fogem do padrão heteronormativo, usualmente descritos na literatura brasileira. Nomeados como corpos lésbicos ou bissexuais, tiveram a primeira aparição na obra **O cortiço** (1890), de Aluísio Azevedo. Já no século XX houve uma maior representação para estes, que, ousadamente, passaram a figurar na literatura produzida por duas escritoras: Cassandra Rios e Adelaide Carraro, pioneiras nesta modalidade literária. Estas ficaram rotuladas pela crítica e público como escritoras eróticas pornográficas. Edla Van Steen, contemporânea destas, incorporou tais corpos à sua literatura ficcional, com a diferença de ter alcançado grande sucesso de crítica pelo seu trabalho. Mais recentemente, a escritora Fernanda Young também incorporou personagens com a mesma orientação sexual à sua ficção literária, que li como forma de apresentar críticas aos papéis do masculino e do feminino, tão marcados pela sociedade patriarcal e falocêntrica. Várias outras escritoras também representaram esses modelos de corpos femininos, continuando a fazê-los na atualidade. Neste ensaio, a menção aos autores acima citados não seguirá uma ordem cronológica, isso pela necessidade de apresentar aos leitores o que é homossexualidade e bissexualidade, seguidos de exemplificação na ficção literária, logo após, segue-se a menção às duas principais representantes deste gênero literário, seguida de uma breve leitura do conto *Intimidade*.

Aluísio Azevedo representou o corpo lésbico em **O cortiço** (1890), nas personagens Pombinha e na prostituta Leónie. Pombinha é uma pobre órfã, pura e carola, que se vê cercada dos agrados e carinhos maliciosos da madrinha Leónie, até que, em certa ocasião, esta ataca a afilhada, conforme se pode ver no seguinte trecho:

Arrancou-lhe até a última vestimenta e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe os lábios, o róseo do peito, deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal. [...] Espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por doida de luxúria, irracional, feroz, reluteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando. E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas e esmagava-lhe os olhos debaixo de seus beijos lubrificadas de espuma. (AZEVEDO, 2007, p. 136-137).

Leónie, uma jovem, bonita, sedutora e prostituta. Pombinha, como o próprio nome indica, era linda, pura e virginal. A flor do cortiço, amada por todos ali. Presa fácil para a madrinha, mais velha e experiente, que em determinada ocasião a ataca, mantendo uma relação homossexual com ela, para depois levá-la para o submundo da prostituição.

A homossexualidade é tratada por Fábio Figueiredo Camargo, no ensaio “Corpos que querem poder”:

[...] o corpo homossexual, com sua anatomia indiscreta, passa a ser visto como uma personagem estranha e facilmente classificável, necessária à ciência para uma possível cura, pois é visto como algo negativo dentro da sociedade patriarcal ocidental judaico-cristã. (CAMARGO, 2013, p.10).

A questão da homossexualidade em **O cortiço** revela um desvio de conduta, uma anormalidade, que se dá de modo animalesco e doentio para uma personagem de caráter considerado desviante para aquela época. Léonie é excluída da sociedade pela sua condição de libertina, sedutora e sem escrúpulos.

Se a expressão da experiência erótica feminina é tão problemática, imaginemos a representação do desejo bissexual ou lésbico. Isso rompe com as relações heteronormativas, ao deixar de lado a figura masculina e dar ênfase para a figura feminina, que passa a alcançar um lugar de destaque, até então negado. Nesse caso, a mulher deixa de representar um papel de objeto de desejo do homem para ser o indivíduo desejante em primeiro plano.

O romance **O efeito Urano**, (2001) de Fernanda Young, ao tratar das representações do corpo feminino e de suas sexualidades pela ótica de uma mulher escritora, traz ainda uma personagem narradora que tem relacionamentos com mulheres, muito embora em nenhum momento da narrativa ela admita ser lésbica. Segundo Camila Dias Cavalcanti, no ensaio **Visíveis e invisíveis: práticas e identidade bissexual**:

Bissexuais são pessoas que, potencialmente desejam e relacionam-se emocional e/ou sexualmente com outras pessoas de ambos os sexos, em um mesmo momento da vida ou em distintas fases de sua história individual. Considerar o desejo afetivo não significa englobar, entre práticas bissexuais, relações de amizade, intimidade ou parentesco, mas indivíduos que se sentem atraídos por ambos os sexos e que enxergam nisso a possibilidade de realização desse desejo, onde sentimentos e práticas se misturam. (CAVALCANTI, 2007, p. 16).

No decorrer de toda a trama, Cristiana, a protagonista, deixa claro o exercício de sua bissexualidade: heterossexual com seu marido, e lésbica com mulheres. Ela segue dividida entre diversas idas para a cama com mulheres e simultaneamente outras tantas voltas para a cama com Guido, até o momento em que encontra, em Helena, sua última parceira sexual. É esta quem vem fechar o triângulo amoroso formado entre eles. Nesse jogo, é Cristiana quem dá as cartas e, ao mesmo tempo, é presa de seu discurso manipulador.

As relações heteronormativas ocorrem sobre o binarismo oposicional homem/mulher. Segundo Judith Butler, no ensaio **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**:

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. [...] A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino se diferencia do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. (BUTLER, 2013, p. 45).

As normas reguladoras de conduta dos indivíduos e de seus corpos têm como definição de sexualidade permitida o modelo de oposição binária homem/mulher, o que em nossa sociedade coloca a mulher como submissa ao desejo do homem e à função reprodutiva, como enfatiza Guacira Lopes Louro (2016, p. 90), em **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**: “[...] a constituição familiar ‘normal’, que se sustenta sobre a reprodução sexual e sobre a heterossexualidade”. Na literatura, esse modelo foi largamente descrito e difundido por escritores homens, que criaram as mulheres e seus corpos submetidos ao deleite e prazeres unicamente deles, os homens.

Os desejos e as relações sexuais que fogem do padrão heterossexual subvertem as normas que regulam os indivíduos e seus corpos, rompendo com aquilo que está institucionalizado dentro do discurso e das práticas sociais regidas pelo patriarcado, caracterizando-os como homossexuais, bissexuais e outros. Dentro dessa denominação partem diversas outras, que nominam os sujeitos de acordo com seus desejos e práticas sexuais excêntricas.

Pensar e conceber uma relação sexual entre pessoas do mesmo sexo em nossa sociedade envolve questões de política e de poder, por infringir as normas que regulam os indivíduos e seus corpos. Neste ensaio, a ênfase é para a representação do desejo lésbico, pela escritura de uma mulher. Daí a importância de destacar as duas escritoras que foram as precursoras dessa literatura ficcional. São elas: Cassandra Rios e Adelaide Carraro.

Segundo Cristina Ferreira Pinto Bailey, no ensaio “O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas”:

O reconhecimento dos sujeitos e dos desejos lésbicos em obras de escritoras latino-americanas fez com que essas escritoras e os sujeitos lésbicos se tornassem invisíveis na sociedade, como já foi dito anteriormente. Pois, o sujeito lésbico foge à definição aceita do feminino por não se enquadrar dentro dos padrões de gênero estabelecidos pela sociedade regida pelo patriarcado. Desse modo, se esse preconceito foi recorrente na sociedade, na literatura não houve o reconhecimento de uma tradição lesbiana que exige certo tipo de leitor que possa resgatar esse sujeito e seus desejos eróticos de sua invisibilidade, suscitando um leitor capaz de entender a teoria “queer”. (BAYLEY, 2004).

No Brasil, tal literatura teve como primeiras representantes as escritoras Adelaide Carraro e Cassandra Rios, que figuraram no cenário literário nacional na década de 1960 e 1970, produzindo uma literatura de temática erótica, taxada de pornográfica e, muitas vezes, homoerótica, portanto, considerada “literatura menor”, pelo seu teor. O termo “literatura menor” é dado pela sua condição de menoridade em uma literatura maior, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra **Mil platôs**:

A noção de minoria, com suas remissões musicais, literárias, linguísticas, mas também jurídicas, políticas, é bastante complexa. Minoria e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. Maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de Ezra Pound). É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante. A maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 55).

De acordo com os autores, “literatura menor” não se define por quantidade em números de sujeitos que a produzem, mas pelo reflexo que sua representação exerce na sociedade como diferença daquela reconhecida como padrão, norma, como identidade,

BASTOS, Marta Maria. A REPRESENTAÇÃO DO CORPO LÉSBICO OU BISSEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA.

opondo-se a essa como um duplo. Contrapõe-se ao que está estabelecido e fixo como literatura maior, por sua natureza de caminhar em mão contrária ao que é determinado como senso. É um contrassenso, um contradiscurso, aquilo que produz uma multiplicidade de devires, não somente no campo literário, mas no campo político no qual ela é produzida.

A literatura de Cassandra Rios e Adelaide Carraro, rotuladas como representantes de uma literatura menor, teve como alvo um público masculino, em sua maioria. Para ser comercializada, passou pelo crivo da censura, devendo ser vendida através de reembolso postal, nas livrarias e nas bancas, vendida somente para maiores de dezoito anos e com apresentação de documento comprovando a idade.

A ênfase dada a essas duas escritoras deve-se ao fato de elas terem sido as primeiras mulheres a produzirem o que chamavam de pornografia em larga escala, na década de 1960 e 1970, época em que tratar de assunto sobre o sexo era um *tabu* maior que o que se mostra hoje. Essa temática abrangeu toda a produção literária das autoras, pela grande aceitação do público leitor e, em consequência, pelo grande sucesso editorial que atingiram. Conforme salienta Lettícia Leite, no site **Blogueiras Lésbicas e a Literatura**:

Cassandra representa ainda um diferencial maior, por retratar o submundo homossexual em São Paulo e os dramas vividos por quem pertence às minorias. Cassandra é a primeira mulher escritora a tratar do homoerotismo feminino em sua literatura. (LEITE, 2013).

Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios, publica em 1948 o romance **A volúpia do pecado**, que trata do amor entre duas adolescentes. O livro marca sua estreia na literatura com uma temática homoerótica voltada para o universo homossexual feminino. Sobre as escritoras Adelaide Carraro e Cassandra Rios, e a literatura que produziram dentro de um contexto histórico e social ao longo de suas vidas, o jornalista Talles Colatino publica o ensaio “Pornografia no fundo quem faz são as outras”, publicado na capa do **Suplemento Pernambuco** (2012), e que nos informa sobre a literatura dessas autoras:

Atravessar o tema da homossexualidade, sendo umas das precursoras da literatura sobre lésbicas no Brasil, atrelado às descrições generosas das cenas de sexo entre suas personagens, fez brilhar o nome de Cassandra Rios para os olhos dos censores à época da ditadura militar. Foram quase 40 obras vetadas pelo governo, a transformando na “autora mais proibida do Brasil”. A introspecção das personagens de Cassandra Rios abria espaço para devaneios, dúvidas e elucubrações que

registravam a busca de uma identidade gay, confusa e ao mesmo tempo condizente com o período de repressão social da época.

[...] Em sua maioria escritos durante a vigência do regime militar, os textos de Cassandra e Adelaide despertaram um interesse através da subversão. Mas esta, porém, sempre se apresentou diluída pelo moralismo que conduzia boa parte das histórias. (COLATINO, 2012, p. 12-13).

Se, para Adelaide Carraro e Cassandra Rios, foi atribuído o rótulo de escritoras marginalizadas pela literatura dita pornográfica e homoerótica que produziram em uma época de extrema censura, outra escritora, Edla Van Steen, consegue ser premiada com um trabalho de temática homoerótica feminina na década de 1970, no mesmo período em que as duas “pornógrafas” produziam sua literatura. Edla Van Steen, premiada escritora brasileira da contemporaneidade, com diversos livros publicados: contos, romances, entrevistas, peças de teatro e livros de arte, ganhou em 1977 o prêmio Revista Status de literatura erótica. A escritora traz para sua ficção o questionamento da identidade sexual feminina presente em suas personagens, apresentando uma subversão de gênero. O conto “**Intimidade**” (1977) faz parte do livro **Antes do Amanhecer** (1977). Esse conto foi também publicado no livro **O prazer é todo meu: Contos eróticos femininos**, seleção de Márcia Denser (1984). Ele está entre os cem contos que compõem o livro **Os cem melhores contos brasileiros do século**, seleção de Ítalo Moriconi, publicado pela Editora Objetiva no ano 2000. Steen encontra-se ao lado de outras escritoras que tratam dessa mesma temática:

[...] que cercam o conceito de lesbianismo no Brasil: Raquel de Queiróz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nérida Piñon, Sonia Coutinho, Márcia Denser: emprestam noções de androginia a personagens que são discutidas em todas as nuances teóricas, do erótico, sublimado ou invisível ao abertamente sociopolítico (BAILEY, 2004).

Segundo Bailey, no Brasil e na América Latina a existência de uma tradição lesbiana na literatura de autoria feminina não tem sido reconhecida pela crítica. Uma suposta razão é pelo tabu que ainda permeia as relações homossexuais na América Latina e a autocensura que levam ao impedimento de uma expressão lesbiana na literatura produzida por mulheres.

Bailey afirma ainda que, ao se tratar de personagens lesbianos e do desejo homossexual entre mulheres, essas escritoras poderiam ser identificadas como lésbicas. Com isso, sua literatura automaticamente deixaria de ter o devido valor literário para ganhar o

rótulo de pornografia; como é de nosso conhecimento, alguns nomes de escritoras que ousaram tratar da temática do desejo lesbiano viram suas obras serem colocadas à margem.

No conto **Intimidade**, Edla Van Steen (1977) apresenta ações corriqueiras que fazem parte da vida cotidiana das protagonistas Ema e Bárbara. A narrativa mostra-nos ambas como sendo duas amigas inseparáveis, cujas semelhanças físicas as fazem muito parecidas, o que facilmente leva as pessoas a pensarem que são irmãs. Elas se divertem muito com tal coincidência. Além da semelhança física, no que se refere à amizade, se entendem muito bem, fazendo-as desejosas de morar juntas ou mais perto uma da outra para poderem estar próximas o tempo todo. Ficaram grávidas ao mesmo tempo e até filhos conseguiram ter quase no mesmo dia. Seus maridos trabalham juntos em um escritório. Enfim, as duas mulheres tem uma vida com muitas coincidências.

Ambas casadas e amigas inseparáveis vivem mais que uma grande amizade, talvez, até mesmo um desejo homoafetivo, como sugere a circunstância a ser relatada. Em um dado momento, as duas conversavam sozinhas, já tarde da noite, quando as crianças já estão dormindo, seus maridos, ausentes, certamente presos em uma reunião de trabalho no escritório. Quem sabe o leitor, assim como as duas mulheres, eles bem podem estar frequentando algum bar, jogando conversa fora os dois, ou com outros amigos, se descontraindo, naquele momento.

A evidência do desejo aparece quando se encontram sozinhas, na casa de Ema, conversando informalmente: o assunto versa sobre os filhos, a rotina da casa, o trabalho dos maridos, a grande semelhança nos seus modos de vida e a coincidência da semelhança física entre as duas. Então, o fecho do sutiã de Ema arrebenta. Na fracassada tentativa de fechá-lo, as duas mulheres vivem intensos momentos de intimidade no quarto, despidas, frente ao espelho, uma admirando o corpo da outra, comparam: a beleza física, a perfeição dos contornos, o tamanho dos mamilos, a textura e a suavidade da pele, a cor dos cabelos, a altura do talhe.

A conversa entre Ema e Bárbara flui em torno da sensualidade do corpo de cada uma delas. Seus corpos vão ganhando contornos explorados pela imaginação de ambas, e agora pelo toque suave das mãos e pela proximidade entre elas. Conforme descrito nesse

trecho do conto: “É muito bonita – Ema reconheceu, cintura fina, pele sedosa, busto rosado e um dorso infantil. Porém ela não perdia em atributos, igualmente favorecida pela sorte. Louras e esguias, seriam modelos fotográficos, o que entendessem, em se tratando de usar o corpo – não é Bárbara?” (STEEN, 2000, p. 442). Ambas se reconhecem ricas em atributos físicos. É interessante mencionarem o fato de poderem usar o corpo para a profissão de modelo ou algo semelhante. Elas se reconhecem sensuais e sedutoras. Sabem quão valorosas são, mas vivem uma vida em via dupla: de um lado a frieza de uma relação hétero segura e, do outro, um desejo que ultrapassa as convenções sociais e fala mais alto, seus corpos desejam um ao outro.

Essas duas mulheres, ainda que de modo disfarçado, são presas do sistema de dominação, nos quais a subalternidade feminina é colocada como pertencente à ordem natural, e necessitam romper com o sistema paternalista dominante para afirmarem suas identidades. O sujeito lésbico foge à definição aceita como feminino, por não se enquadrar dentro dos padrões de gênero estabelecidos pela sociedade regida pelo patriarcado.

A representação do feminino lésbico ou bissexual teve início na obra **O cortiço** (1890), por um escritor homem, Aluísio Azevedo, que descreve a relação entre duas mulheres, sendo uma prostituta e uma jovem pura e casta. Mais próximo de nossa era, na década de 1960, duas mulheres escritoras, Cassandra Rios e Adelaide Carraro, marcaram a literatura brasileira ao produzirem pela primeira vez uma escrita ficcional de teor erótico homossexual e/ou lésbico, produzindo o que os críticos consideram literatura sem valor, pelo seu conteúdo pornográfico. Esse rótulo negativo não só as marcou quando eram vivas, mas permanece até hoje, ao serem lembradas e referenciadas.

A literatura que trata dos desejos lésbicos e bissexuais muitas vezes retrata essas personagens femininas como sedentas de desejo, ninfomaníacas e de conduta desviante, por manifestarem seus desejos e suas preferências sexuais, o que lhes foi proibido no decorrer da história da literatura brasileira, até surgirem as primeiras escritoras que ousaram ter por objeto essa temática, já na década de 1960. Depois delas, o corpo lésbico continua aparecendo na ficção, atingindo maior espaço de representação, como na escrita ficcional de Márcia Denser, Diedra Roiz, Cintia Moscovich, Natália Borges Polezzo, Fernanda Young, dentre outras.

A meu ver, as escritoras da atualidade aqui citadas, que tratam dessa temática, representam ficcionalmente personagens e situações com uma grande carga de semelhança com nossa realidade. O corpo lésbico ou bissexual de suas narrativas não é movido apenas por desejo, nem é constituído por mulheres ninfomaníacas e de condutas patológicas.

O que encontramos são corpos femininos que vivem seus dramas na rotina diária, com uma dupla jornada, dividida entre o trabalho e a lida de casa, muitas vezes com marido e filhos. Algumas delas agregam ainda a responsabilidade de chefiar sozinhas os próprios lares, outras, procuram alcançar a própria independência financeira, por meio de estudo e melhores oportunidades de trabalho e liberdade, para poderem viver suas próprias orientações sexuais com maturidade e responsabilidade.

O desejo lesbiano nas obras de escritoras brasileiras abre um espaço para a realização pessoal e sexual da mulher, identificando-se com o outro semelhante de si mesmo, deixando de representar objeto de desejo ao masculino. Com isso, abre possibilidades para um questionamento a respeito das identidades de gênero e o controle social sobre a sexualidade, o que é de suma importância para a promoção do debate referente a essa temática aqui abordada.

Seus corpos já não são somente jovens e perfeitos e construídos puramente para o prazer, mas trazem marcas de cansaço, de velhice, de estrias e gorduras localizadas. Muitos deles agregam sinais deixados pelo uso de violência doméstica, por parte de seus companheiros. São representações de um feminino que vai além do plano físico, retratando seus medos, suas angústias, e seus desejos em um mundo marcado pela desigualdade de direitos.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. **Revista Mulheres e Literatura**, vol. 8, 2004. Disponível em: <<http://litcult.net/category/mulheresrev/revista-mulheres-e-literatura-vol-8-2004/>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

BASTOS, Marta Maria. A REPRESENTAÇÃO DO CORPO LÉSBICO OU BISSEXUAL NA LITERATURA BRASILEIRA.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. Corpos que querem poder. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 7-16, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/2112/1790>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

CAVALCANTI, Camila Dias. **Visíveis e invisíveis**: práticas de identidade bissexual. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007. Disponível em: <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196_1.pdf)>. Acesso em: ago. 2018.

COLATINO, Talles. Pornografia no fundo quem faz são as outras. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, n. 82, dezembro de 2012, p. 12-13. Disponível em: <[https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE\\_82\\_web.pdf](https://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_82_web.pdf)>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.

DENSER, Márcia. (Org.) **O prazer é todo meu**: Contos eróticos femininos. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 59-63.

MORICONI, Ítalo. (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 447 p.

YOUNG, Fernanda. **O efeito Urano**. São Paulo: Objetiva, 2001.

VAN STEEN, Edla. Intimidade. In:\_\_\_\_\_. **Antes do Amanhecer** (Contos). São Paulo: Editora Moderna, 1977, p. 65-68.

Recebido em 30/09/2020

Aprovado em 15/12/2020